

MEMÓRIAS DE MULHERES: Jornal *O Sorriso* na Resende do início do século XX

Érica F. C. Duarte
ericacduarte@uol.com.br
AEDB
Isadora Rangel de Freitas
isadora.rangel@hotmail.com
AEDB
Paula Fernanda dos Santos
terraqueaquitiliano@gmail.com
AEDB

RESUMO

No início do século XX, mais precisamente nos anos de 1900, 1901 e 1902, circulou na zona rural de Resende, no Distrito de Capelinha, um jornal manuscrito denominado *O Sorriso*, de autoria de três jovens, Francisca J. Silva, Helena Amanda e Júlia Lopes, que o copiavam e distribuíam a residências daquela localidade, através de assinaturas. O jornal manteve-se por 35 edições. *O Sorriso* teve ao todo 35 edições e suas páginas traziam assuntos que iam desde eventos sociais a comentários de obras literárias e classificados, abordando questões que possibilitam identificar, interpretar e entender aspectos da educação e dos costumes tradicionais do município de Resende.

Palavras-Chave: Mulheres; *O Sorriso*; Capelinha.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que envolve o jornal *O Sorriso* parte do pressuposto de que o material em questão documenta um conjunto de informações representativas de uma época.

Trata-se de material inédito, que até pouco tempo não havia passado por análises científicas que permitem analisar, dentre outros aspectos, questões linguísticas, culturais, educacionais, sociais e históricas, que envolvem as autoras, a comunidade da Capelinha, a cidade de Resende e a evolução diacrônica da Língua Portuguesa.

O centenário jornal constitui, sem sobra de dúvidas, um rico corpus de investigação das variações e mudanças linguísticas quanto à ortografia, morfologia, sintaxe, léxico e semântica, além das questões ligadas ao pós-modernismo, estudos culturais e literatura feminina.

2. OS ESTUDOS CULTURAIS

A revolução educacional promovida na Inglaterra do segundo pós-guerra deu início ao embrião do que se conhece hoje por Estudos Culturais. Era preciso incluir os fatos que ajudaram a ganhar a guerra e, baseando-se nessa premissa, mudanças teriam que ocorrer.

No campo da educação, mas precisamente a Literatura, teve seus currículos expandidos para incluir os meios de comunicação de massa que começavam a mudar as formas de socialização, a caminho da atual sociedade da imagem e da comunicação. Os novos tempos do pós-guerra pediam uma visão mais democrática e inclusiva de cultura, e uma forma mais integrada de ver as questões culturais também como articulações de processos sociais reais.

Os escritos de Richard Hoggart (*The Uses of Literacy* -1957); Raymond Williams (*Culture and Society* -1958) e E. P. Thompson (*The Making of the English Working-Class* - 1963) são conhecidos como fontes seminais dos Estudos Culturais. Nessas obras surgiram discussões como conceitos de cultura e condições de igualdade cultural, análise literária e investigação social.

Além dos citados, é importante ressaltar o papel de Stuart Hall para a formação dos Estudos Culturais britânicos (e, por conseguinte, mundiais). Ao incentivar a investigação de práticas de resistência de subculturas, os meios massivos e a sociedade, Hall provocou inúmeros debates teórico-políticos sobre sociedade, cultura e valor.

O centro de Estudos Culturais fundado por Hoggart em Bimingham expandiu-se sob a tutela de Hall, dando início a criação de vários programas destinados aos Estudos Culturais pelo mundo. Dessa forma, a ploriferação desses estudos observada nos dias atuais tem como ponto de partida o *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), da Universidade inglesa.

Segundo AGGER apud BONNICI; ZOLIN (2005, p.267),

O grupo do CCCS amplia o conceito de cultura para que sejam incluídos dois temas adicionais. Primeiro: a cultura não é uma entidade monolítica ou homogênea, mas, ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. Segundo: a cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas — expressas mais notavelmente através do discurso e da representação — que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado. Por acentuar a natureza diferenciada da cultura, a perspectiva dos estudos culturais britânicos pode relacionar a produção,

distribuição e recepção culturais a práticas econômicas que estão, por sua vez, intimamente relacionadas à constituição do sentido cultural.

O romper das amarras canônicas que vinculam a validade (e por que não a qualidade?) das obras a questões de modelo, tradição, conceito, é rediscutido, abrindo espaço para o questionamento de hierarquias pré-estabelecidas, que julgavam o que era considerado cultura alta/ baixa, e superior/ inferior. Ocorre, então, o que Leyla Perrone-Moisés classifica como privilegiar a “cultura menor”, “abandonando o cânone” (1995, p.176).

Mas, na verdade, não era um culto ao menor, e sim ao novo. Os pilares que sustentavam o projeto dos Estudos Culturais fundamentavam-se, dentre outros aspectos, “na crença de que as classes populares possuíam suas próprias formas culturais, dignas de nome, recusando todas as denúncias, por parte da chamada alta cultura, do barbarismo das camadas sociais mais baixas; pela insistência de que o estudo da cultura não poderia ser confinado a uma disciplina única, mas era necessariamente inter, ou mesmo anti, disciplinar; e na identificação explícita das culturas vividas como um projeto distinto de estudo, o reconhecimento da autonomia e complexidade das formas simbólicas em si mesmas” (SCHWARZ apud BONNICI; ZOLIN, 2005, p. 270)

A partir da abertura proporcionada pelos Estudos Culturais, tem início de forma efetiva, por diversos países, um crescente de projetos interdisciplinares, que juntavam assuntos de áreas diversas. No caso específico da Literatura, o estudo dos textos é ampliado, permitindo a inserção de escritos menos considerados, como, por exemplo, as obras de ficção científica, que passam a dividir a atenção do público com as ditas *Altas Literaturas*. (1995, p.24).

Além da ficção, obras escritas por negros, mulheres, homossexuais, que até então eram renegadas, ou simplesmente desconsideradas, emergiram, estabelecendo relações dialógicas com questões de gênero, raça e crítica pós-colonialista, enfocando, dessa forma, a literatura produzida em países que já foram colônias de outras nações, assim como países que ainda se encontram em situação colonial.

Esses grupos reduzidos, perseguidos e marcados por estereótipos, acabaram encontrando nessa ruptura entre literatura e cânone, um caminho que serve tanto como veículo de valorização cultural, como também de porta-voz de denúncias raciais e preconceito. A obra literária produzida por eles tem a intenção, portanto, de trazer a tona um retrato do que vem a ser a sua cultura, proporcionando ao leitor um exercício de reflexão

sobre identidades culturais e raciais e permitindo que numerosos acervos cultural-históricos sejam conhecidos, mantidos e, principalmente valorizados.

Os grupos minoritários vêm encontrando na literatura pós-moderna um campo fecundo, onde podem assumir e defender suas diferenças culturais. Ter direito à voz própria, desfrutar da sua própria cultura, praticar sua própria religião e usar sua própria língua são direitos defendidos por tratados internacionais, porém pouco reconhecidos e, muito menos, exercidos plenamente.

Porém, apesar da evolução cultural em que o mundo se encontra, muitos críticos não levam em consideração a qualidade cultural dos trabalhos produzidos por esses grupos marginais, simplesmente porque fogem do que é considerado tradicional, ou, em muitos casos, porque são encarados como subliteratura, oriunda do popularesco e destinada somente a ele.

2.1- A LITERATURA MARGINAL

Literatura Marginal foi o nome dado aos escritos produzidos pelas minorias, sejam elas sexuais, sócio-econômicas ou raciais. O termo Marginal tem muitas acepções, porém, ele será utilizado aqui como referente às obras que se dedicam a relatar e retratar realidades de grupos oprimidos.

A verticalidade apresentada nesses textos permite que se lance um olhar sob realidades minoritárias que vão além do que o mercado editorial ou a crítica canônica quer ver publicado, já que o *lócus* identitário apresentado nessas obras tem caráter libertário e legitimador, até então silenciado. Dessa forma, além da mulher, o negro, o indígena e o homossexual, mesmo ainda de forma marginalizada, passaram a ter sua história escrita sob as tintas que eles próprios escolheram.

O pensamento pós-estruturalista que provoca o leitor a não crer tão facilmente em discursos totalizantes abriu preciosas lacunas e induziu calorosos debates em torno de temas como alteridade, diferença e marginalidade. Com a pós-modernidade, o indivíduo passou a não ter certeza de nada, e a se questionar quanto à qualidade e à eleição dos cânones literários, considerados verdade absoluta em termos de Literatura até então. Pelo espaço aberto pelo pós-moderno no mundo contemporâneo, adentraram os grupos minoritários, sua visão de mundo e suas experiências relatadas através de sua literatura.

Para Glissant (2007, p. 89),

(...) os povos que irrompem na contemporaneidade necessitam construir sua modernidade à força, e cabe às artes em geral, e à literatura em particular, a função

essencial na propulsão do imaginário utópico de suas coletividades; do contrário, estas correm o risco de não se nomear, de calar sua voz, sua identidade e seu projeto coletivo. Assim sendo, sua escrita – de grande densidade poética – está conscientemente ancorada na espessura antropológica e na singularidade histórica do lugar de onde o intelectual, o poeta, o escritor e o artista emitem a sua voz, o seu canto.

O pós-modernismo permitiu, dessa forma, uma fragmentação da realidade, uma mistura de estilos, uma ruptura, fundamentado na desconfiança em relação aos discursos totalizantes e voltado para o interesse em debates sobre as idéias de marginalidade, de alteridade e de diferença.

O discurso feminino, em particular, vem buscando, ao longo dos anos, status e espaço, numa tentativa de valorização do sujeito do discurso. Dessa forma, a escrita feminina vem se transformando, ao longo dos anos, em um espaço em construção, buscando um espaço de construção. A Literatura escrita por mulheres, composta por discursos gendrados sobre o feminino, ou o feminista, busca ocupar um espaço próprio dentro do universo literário, onde a mulher seja sujeito, e não simplesmente esteja sujeita. De acordo com Constância Lima Duarte (1996), “a literatura de autoria feminina tem se revelado um campo profícuo, porém, dela ainda é requerida afirmação plena no interior da literatura universal”.

3. MULHERES E JORNais

Numa distante Inglaterra do século XVII nasceu o Lady's Mercury, primeiro jornal escrito por mulheres que se tem notícia. Assuntos como moda, beleza, afazeres domésticos, eram levantados pelas escritoras, oriundas da nobreza, mas que ainda ocupavam um degrau abaixo do homem na hierarquia social.

A partir da publicação do Lady's Mercury, patrocinado pelos familiares das escritoras envolvidas, que precisam “distrair-se”, surgiram outros periódicos encabeçados por mulheres, e outras temáticas foram sendo incorporadas como, por exemplo, questões religiosas, modelos de vestuário, horóscopo.

Surge na França, em 1759, uma nova proposta ligando a escrita feminina e a publicação de jornais. O Journal des Dames trazia em suas páginas contos, poesia e gravuras, uma novidade para a época. A publicação afirmava que as mulheres não deveriam só aprender boas maneiras, piano, bordado e costura; e pedia aos homens que não as considerassem mais sua propriedade.

Muitas mulheres colaboravam na produção do Jornal das Senhoras, mas, no anonimato. Ele durou até 1855. Surgiram em seguida outras publicações de perfil feminino: Belo Sexo; Nós Mulheres; Mulherio; dentre outras.

O Jornal A Família (fundado em SP) foi publicado entre 1888 e 1894. Dirigido por Josefina Álvares Azevedo, ele defendia o direito ao voto e ao divórcio, reivindicações que ecoaram na Constituinte de 1891, na voz do deputado Lopes Trovão, lembrado pela minissérie global Chiquinha Gonzaga.

4. JORNAL O SORRISO

Muito distante da efervescência cultural européia, ou da ebullição política que o Rio de Janeiro vivia, surgiu, no distrito da Capelinha, região rural pertencente ao município de Resende, um jornal totalmente escrito, produzido e comercializado por três mulheres.

Esse jornal, produzido por três jovens moças, circulou entre 1900 e 1902. A publicação, de nome *O Sorriso*, era copiada a mão por suas autoras, Francisca J. Silva, Helena Amanda e Júlia Lopes, e distribuído pelas residências daquela região, por meio de assinaturas.

O Sorriso teve ao todo 35 edições. Suas páginas traziam assuntos que iam desde eventos sociais a comentários de obras literárias e classificados, abordando questões que possibilitam identificar, interpretar e entender aspectos da educação e dos costumes tradicionais do município de Resende e adjacências.

4. A PESQUISA

Júlia, Helena e Francisca eram mulheres à frente de seu tempo. Moradoras da zona rural de uma cidade interiorana, inseridas em uma sociedade predominantemente machista, estas jovens escritoras dedicaram-se à construção de um material jornalístico em um momento da história no qual as mulheres interioranas tinham pouco espaço e, até mesmo, acesso à escolarização e à leitura.

Hoje, passados mais de cem anos da publicação da primeira edição de *O Sorriso*, encontram-se preservados pela família Menandro, também moradora do distrito da Capelinha, um exemplar de cada uma das 35 edições que a publicação teve.

É importante ressaltar que a pesquisa da história das autoras e a do distrito de Capelinha mostra-se, a princípio, bastante dificultada, pelo fato de não existirem registro de nascimento das autoras, pois, na época, havia tão somente o registro de batismo.

Acrescido a esse fato, a igreja matriz de Resende sofreu um incêndio de grandes proporções (1945), que destruiu a maior parte de seus livros de registro. Sendo assim,

possíveis descobertas acerca desse assunto podem ser de grande valia para o entendimento de questões que envolveram esse determinado momento histórico.

Além das questões já levantadas, o estranhamento provocado pela autoria improvável do material jornalístico é bastante interessante. Numa época onde as mulheres, na sua maioria, eram educadas somente para o casamento, reservadas aos cuidados da casa, do marido, escravas de convenções sociais e com um reduzidíssimo horizonte de possibilidades e conquistas, encontramos três jovens mulheres, interioranas, que romperam paradigmas e desafiaram costumes.

Diante desse fato, a investigação dessa produção do saber feminino, que atendia os anseios de três jovens moças e não do “senhor seu marido”, como era o costume da época no interior do Brasil, permite compreender através da análise das condições de produção e recepção registradas nas 35 edições, possíveis acarretamentos que os textos provocaram tanto nos leitores, quanto nas autoras.

4. O GÊNERO TEXTUAL JORNAL

Além da Literatura, o pós-modernismo influenciou também as práticas pedagógicas em sala de aula, como, por exemplo, o trabalho com os gêneros textuais. Os Gêneros textuais são as estruturas com que se compõem os textos, sejam eles orais ou escritos. Essas estruturas são socialmente reconhecidas, pois se mantêm sempre muito parecidas, com características comuns, procuram atingir intenções comunicativas semelhantes e ocorrem em situações específicas. Pode-se dizer que se tratam das variadas formas de linguagem que circulam em nossa sociedade, sejam eles formais ou informais. Cada gênero textual tem seu estilo próprio, podendo então, ser identificado e diferenciado dos demais através de suas características.

Como os variados gêneros textuais, o jornal tem sido um dos que possuem uma importância enorme no cotidiano, por serem de cunho informativo. onde eles através da narrativa de um texto, seja visual, oral, imaginativo e com recursos gráficos, eles têm o papel de veicular uma informação.

Existem inúmeros tipos de jornais, mas todos eles têm o objetivo de manter o leitor informado sobre determinados fatos, assuntos, etc.

O público-alvo deles é variado, normalmente os jornais são divididos em seções, onde cada uma trata de uma área específica.

5. PRIMEIRAS DESCOBERTAS

Após pesquisas de campo que incluíram entrevista na região da Capelinha, já se sabe que a professora Adelaide, da qual muito se falava no jornal, era uma professora visionária, à frente de seu tempo. Solteira e protestante, tudo o que hoje se considera moderno em educação já era feito por ela naquele tempo.

No princípio, ela ensinava de graça e por suas mãos passaram pessoas que fizeram muito sucesso na região. A professora lecionava na casa de Francisca Jacyra, uma das redatoras do jornal. A casa ainda existe, embora tenha sofrido algumas transformações.

A professora Adelaide veio de Conservatória-RJ, era muito rígida, mas incentivava bastante a leitura e a produção de textos. Certamente Helena Amanda, Julia Lopes e Francisca Jacyra, autoras do Jornal *O Sorriso* foram suas alunas, bem como quase todos os moradores da Capelinha daquela época.

6. CONCLUSÃO

Uma das grandes dificuldades no que concerne à pesquisa na atualidade, diz respeito ao tema sobre o qual esta deverá se debruçar. É cada vez mais difícil encontrar um tema inédito para o trabalho ou, sem grandes pretensões, encontrar um tema que se mostre realmente fecundo para a comunidade científica.

A pesquisa realizada em torno do jornal *O Sorriso* é de caráter inédito, já que anterior a essa pesquisa, nunca foi executado um trabalho de análise documental desse material, somente alguns artigos foram publicados sobre o assunto.

Sendo assim, acredita-se que os resultados obtidos são de importância ímpar para a comunidade acadêmica, pois lançarão idéias e questionamentos que poderão servir de base a outras possíveis pesquisas, além de contribuir para com o saber científico-literário da região Sul-fluminene.

A idéia de se trabalhar com as edições de *O Sorriso* pretende não só ampliar a capacidade de pesquisa da Associação Educacional Dom Bosco, mas, também, formar alunos pesquisadores de qualidade, potencializando as chances de que se tornem profissionais de excelência no futuro.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Michail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Millet. Vol. I-II. Venda Nova: Bertrand, 1987.
- BRONCKART, J.P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 2007.
- BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária**. Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. Maringá: UEM, 2000.
- CUNHA, Paula Cristina Ribeiro da Rocha de Moraes. **Da Crítica Feminista e a Escrita Feminina**. Revista Criação & Crítica, n. 8, p. 1-11, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br>>. Acesso em 20 de maio de 2013.
- CORDEIRO, Verbena M. R.; SOUZA, Elizeu C. (orgs.) **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, 2010.
- CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DUARTE, Constância Lima. Estudos de Mulher e Literatura: **História e Cânone Literário**. VI Seminário Nacional, Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, Anais, 1996.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**: aprenda a escrever aprendendo a pensar. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2007.
- HERMÓGENES, Luis Cláudio. **Memória de papel**: historiadora resgata em livro memória da imprensa de Resende. **Diário do Vale** on line. Disponível em: <<http://www.diarioon.com.br/arquivo/4129/cidade/cidade-35849.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2011.
- KOCH, Ingodore G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. **Coesão textual**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, Ingodore G. V.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- KOCH, Ingodore G. V.; TRAVAGLIA, Luís Carlos. **Coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2002.
- MAJOR, René. **Lacan com Derrida**. Sujeito e História. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6.ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PAULIUKONIS, Maria Aparecida; GAVAZZI, Sigrid. (orgs.) **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- SHOWALTER, E. A Crítica feminista no território selvagem. Tradução Deise Amaral. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Tendências e impasses**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



**IX Simpósio Pedagógico e
Pesquisas em Comunicação**

SOARES, Júlio César Fidélis. *Um sorriso que vem do passado.* Disponível em: <www.valedoparaiba.com/terragente/estudos/um-sorriso-que-vem-do-passado.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2011.